

VOLUNTARIOS IRLANDEZES — N'uma festa em honra dos rapazes que iam para a guerra, lindas raparigas colocavam-lhes ao peito uma bandeirinha com uma harpa
(«Cliché» Charles Trampus)

II Série — N.º 534

Lisboa, 15 de Maio de 1916

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Assinatura para Portugal, (Trimestre 1\$20 ctv.
 colonias portuguesas Semestre 2\$40 ..
 e Hespanha: Ano 4\$80 ..
 Numero avulso, 10 centavos

• Redacção, adm'nistração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinárias; cálculos; neuralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo ácido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se à venda em todas as farmácias e drograrias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co., Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N.º 83, Porto.

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Oura, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS 141
TELEPHONE. N.º 2777 - LISBOA

**DE 10 ESCUDOS A 50 ESCUDOS
POR SEMANA
POR UMA HORA DE TRABALHO DIARIO**

Com uma ideia na cabeça e 10 Escudos em dinheiro para começar, fiz 25.000 Escudos em dois anos.

Se o vosso emprego vos traz preso sobre um jogo de livro, de contabilidade, ou por detrás d'um balcão, ou agarrado a maquina d'escrever, ou guiando um bom tiro de cavalos, ou sobre o tramway, ou n'uma qualquer officina, ou onde quer que seja que o vosso trabalho vos detenha, eu posso mostrar-vos a estrada real, rapida e segura de obter mil vezes melhor. Demonstrar-vos hei por que modo iniciar um negocio, absolutamente voss, com pequeno capital, e só durante as vossas horas livres. Podéis de facto cooperar comigo no negocio por meio de vales do correio (venda de generos por correio), e correr com o negocio de vossa propria morada, e como propriedade exclusiva e vossa. Se estais fazendo por ano 500 escudos, ou 1.000 escudos, ou 1.500 escudos, e fevers precisas fazer em cada ano 2.500 escudos, ou 3.000 escudos ou mais, eu posso mostrar-vos como.



Não importa quem vos seque, ou em que vos occupes; nem a minguidade do vosso salario, ou a pobreza das vossas expectativas; nem tão pouco que estejais ou descontente ou desalentado; ou que os vossos amigos e parentes vos considerem incapaz de bem succeder—o facto é que podeis de vez, vir a ser socio do maior promotor no mundo de todas as empresas por ordens postaes. Poderéis assim, e talvez pela vez primeira, começar a ver o dinheiro rodar em torno de vós a cada visita do Correio, sem ralardes corpo e alma por cada tostão adquirido. Mol abertamente aqui vos ofereço a oportunidade, talvez unica na vossa existencia, de fazerdes uma grande fortuna, sem vos pedir que me hipotisqueis a vossa vida, e sem vos entalhar em contrao leonino, de fria usura, com um escorchador como Shylock.

Eu principiei com 10 escudos e recolhi um lucro de 2.500 escudos em dois anos, no negocio de «ordens pelo correio». Ensinar-vos-hei muito depressa o verdadeiro segredo de ganhar dinheiro rapidamente; e de o conservar limpo, legitimo e honestamente, de modo que podeis encavar o mundo todo na face, sem nunca perguntar d'onde vos vieram os vossos mil réis. O meu novo livro, que tem por titulo «Oportunidades de ganhar dinheiro no negocio de Ordens pe o Correio», cabalmente explica tudo. Esse livro só vos custará o pedil-o. Não é preciso remeter dinheiro algum. Querendo cobrir a verba de porties, pode-se enviar selos (mesmo do seu proprio país) do valor de 13 Centavos Portuguezes. A direcção é: Hugh McKean, Sulte 3002, n.º 260, Westminster Bridge Road, Londres, S.E., Inglaterra.



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remetam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valimentos. Pelo estudo que fez das ciencias, quimromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarres, Lombrose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

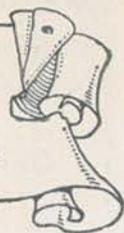
Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartr;

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes
colecções de retratos de altas
personalidades.

Gizella
O MELHOR SABONETE



Dois centenários

Emquanto os homens se batem e caminham alucinadamente para um futuro incerto, outros homens revivem e relembram o passado morto. Toda a Hespanha celebrou com enternecida pompa o centenário de Cervantes e a França, entre dois momentos de acalmia, não esquece a sua Joanna d'Arc. Duas figuras que, por instantes, deteem os homens em marcha. No misterioso encanto d'olhar



para traz e de evocar, surge, por vezes, uma poesia muito viva e muito doce. E' grato para os francezes fazer resurgir, n'este momento, a heroína de Vaucouleurs, couraçada de ferro, modesta e suave, ignorante e crente, que levou o seu rei a Reims, repeliu o seu inimigo em Orleans, e teve o seu calvario n'uma praça acañhada de Ruão. E para o genio iberico fanfarrão e simples, petulante e bondoso, Cervantes será sempre um escritor querido que sofre e geme, escrevendo com um incomparavel sorriso de bonhomia as paginas imortaes que a um tempo fazem rir e apertar o coração. Duas figuras bem modestas, sumidas na poeira do passado; mas o tempo engrandece-as, dá-lhes o encanto inexprimivel das coisas que não voltam mais e transforma-as em duas figuras bem grandes vivendo na memoria dos homens.

O Mês de Maria

A piedade catolica envolve em flôres Maria Virgem. Em nenhum ceu pagão perdurou um culto tão enternecido como este, que nos primeiros dias do verão engrinalda de rosas os altares da Mãe cheia de amargura. Por uma grande magua devorada entre lagrimas no recanto de uma velha cidade da Asia Menor, esfolham-se, atravez dos seculos, petalas aos biliões, resscendem pelas naves as rosas que a face da terra faz erguer para o azul. Para a meia luz dos transeptos, quando a miseria humana levanta o seu côro aflito aos pés da Mãe de Deus, escreveu Palestrina as suas paginas sagradas, entoaram Cimarosa e Pergolése os seus hinos religiosos. Perfume e Harmonia embalam a Dôr a tal ponto intimamente ligadas, tornadas uma sendo tres, que no fundo das nossas maguas mais intimas ha quasi sempre, vagamente, um pouco de perfume e um pouco de harmonia...



Diplomacia

Tio Sam está sendo positivamente mistificado. Ha oito mezes que pede explicações e começa a zangar-se, dando a entender que é muito mau quando se zanga. Ha tempos pediu que lhe respeitassem os seus vapores e logo, carinhosamente, a Alemanha respondeu que teria para todos os navios da União uma veneração sagrada, excepto para aqueles que entendesse não respeitar. Tio Sam rugiu pela bôca dos seus jornaes — e quedou-se pela prudencia dos seus governantes. Agora exige de novo que não lhe metam a frota no fundo e sempre com a mesma solicitude o principe chanceler garantiu, com efusão, que não mais se cometeria tão grande crime, que não afundaria os barcos dos Estados-Unidos... senão quando os



não encontrasse. D'esta vez tio Sam rugiu bis e voltou a queixar-se. Se amanhã outro barco dos United States fôr mimoseado com um torpedo teutão, — o que sucederá? A Alemanha, de mãos no peito e olhos marejados, protestará que foi sem querer — e tio Sam sorrirá satisfeito. Mas por que motivo se dá a America ares de não compreender a ironica polidez dos alemães? Porque quer os proventos da guerra sem os seus inconvenientes, porque ganha duzentos milhões de dolars por mez e por esse preço vale realmente a pena fingir que não percebe.

A nossa terra

Antonio Correia d'Oliveira fechou o ciclo dos grandes motivos emocionaes da nossa raça com os dois ultimos episodios «A' Lareira» e «Vida de lavradores», que terminam a série «A nossa terra». O que é, sobretudo, notavel no poeta é a maneira porque ele trata as coisas simples, com uma limpidez e uma concisão que são a justa medida do quadro que retoca. Nem se sabe o que admirar mais: se o ritmo carinhoso do seu verso, se a idéa delicada do seu conceito. Correia d'Oliveira é hoje um dos primeiros poetas portuguezes sentindo e compreendendo a alma d'um povo ingenho e bom e que n'ele encontra o seu mais enternecido cantor. Toda a sua obra o atesta, todos os seus projetos literarios o provarão. E' n'ele que nós sentimos pulsar e fremer o sentimento ancestral da nossa gente curvada sobre a terra, vivendo d'ela e para ela até ao momento em que por fim dorme — sempre envolvida por ela.



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



A DISCIPLINA

Carolina Hofman fôra em 1880 com o marido e um filhinho de quasi dois anos procurar fortuna para o Havre, onde montaram uma salchicharia elegante, frequentada por boa roda.

Extremamente ativa e entregue a uma vida laboriosa, Carolina, verdadeiro chefe da casa, fez prosperar rapidamente o estabelecimento ao passo que o marido, que já viera debilitado da Alemanha, definhava de dia para dia, neurastênico, e morria em pouco menos de um ano fazendo jurar á esposa que mandaria educar o filho no seu paiz logo que ele completasse dez anos.

Não era Carolina propensa por temperamento a exageros de sensibilidade e, se bem que lhe tivesse causado sincero pesar a morte do marido, passado o primeiro ano de viuvez estava casada em segunda nupcias com o major André Robert, frequentador assíduo do estabelecimento, atraído ali mais pela formosura de Carolina, uma radiante mocidade, que pelo aveludado das galantines que no mostrador incitavam á gula os transeuntes.

Carolina era realmente encantadora. E o major Robert, um mutilado da guerra de 1870, abriu um parentese no seu sentimento contra os alemães em favor da interessante mulher cujos encantos o tinham fascinado. A sua mal desfarçada invalidez que a prothese inabil denunciava nas articulações viciosas do braço artificial, não impediu que a gentil viuva o quizesse despozar e como natural consequencia desta união o pequeno Leopoldo teve um irmãozinho, de nome Alfredo, com quem brincar. Tomava-o timidamente nos braços, alás bem seguro pela mãe, queria enfeitá-lo, embalá-lo; consagrou-lhe emfim todo o seu pequenino coração.

E á medida que Alfredo medrava e a mimosa flôr desabrochava em graças e colorido, parecia que tambem o seu fototactismo a inclinava toda para aquele foco, donde lhe vinha a luz vivifican e de tão puro afeto, Leopoldo, o irmãozinho mais velho.

Era um encanto vêr o carinho reciproco dos dois irmãos.

O major Robert adorava-os como se fossem ambos seus. Fanático pela carreira militar que a mutilação lhe interrompêra, conservando vivas recordações dos seus impetos belicos, invariavelmente comprava como brinquedos ás duas creanças, caixas de

soldados, tambores, espadas, kepis, uma infinidade de apetrechos mavorcios, fardava-os, dirigia-os em marchas e duelos, de modo que a pouco trecho os rapazinhos falavam com menos facilidade em termos correntios que em linguagem marcial, fazendo continencias militares com porte aprumado que delicia-va o bondoso major.

Quando Leopoldo fez dez anos, os avós paternos insistiram com a mãe, cujo casamento em França lhes não fôra simpatico, para que cumprisse a promessa feita ao primeiro marido de mandar a creança para a Alemanha, e vieram busca-la vendo que ela se não decidia.

Ao abraçarem-se no caes do embarque os pequenitos desfaziam-se em lagrimas, apezar da esperança que alimentavam de passar juntos todas as ferias de Leopoldo.

Essa esperança era bem fundamentada, porque a constituição fraca e linfatica de Leopoldo precisava de se tonificar com as brisas vivificantes duma cidade marítima como o Havre, tenio-se debilitado durante o ano em Stutgard, longe do mar.

Feitos os exames, Leopoldo ia anualmente retemperar na atmosfera salubre do Canal a sua debil compleição e afinar pelo diapasão dos ternos afetos de familia as notas da sua viva sensibilidade amortecida no frio ambiente da convivencia com os avós.

Se bem que houvesse uma certa preferencia de Carolina por Alfredo, extremamente animado, essa predileção em nada alterou a reciprocidade do amor fraterno que unia Alfredo e Leopoldo, egualmente queridos de Robert, que nos seus passeios com eles pela cidade não perdia ocasião de lhes fazer notar o garbo marcial dos mais aprumados militares que se lhes deparavam pelo caminho, fomentando assim os

germens de idéas belicas que desde sempre lançára nos cerebros pequeninos dos dois rapazes.

Amos com inteligencia clara, estudando com igual applicação, natural era que enveredassem pelo caminho indigitado pelo major, que para eles representava simultaneamente o carinho e a autoridade. Assim firmam ambos cursar escolas do exercito nas suas respetivas patrias.

Já homens, levavam o mesmo regimen de vida que na adolescencia, reunindo-se no Havre durante as férias escolares, passando largas horas em passeios pelos arredores, escolhendo para estancia de



confidencias o eden paradisi co de Saint-Adresse, mata semeada de alcan'is pitorescos, erçados de chalets da mais fantasiosa arquitetura, maravilhosa paisagem que jámais pode arragar-se da memoria do viajante a quem foi dado contemplá-la e que pela quietação e pela beleza os atraía mais particularmente, para se comunicarem as suas juvenis aspirações, os seus ideaes generosos.

Alfredo e Leopoldo eram ambos alferes quando deflagrou a guerra atual: um, subdito do kaiser, outro alistado no exercito da Republica franceza. Estavam ambos no Havre, quando foram chamados aos seus corpos.

Caolina, com a sublime prescencia das mães, abraçou Leopoldo dizendo-lhe:

—Vae passar-se o que quer que seja de extraordinario na tua vida, meu filho. Jura-me que não combaterás contra teu irmão, quaisquer que sejam as circunstancias em que te encontres.

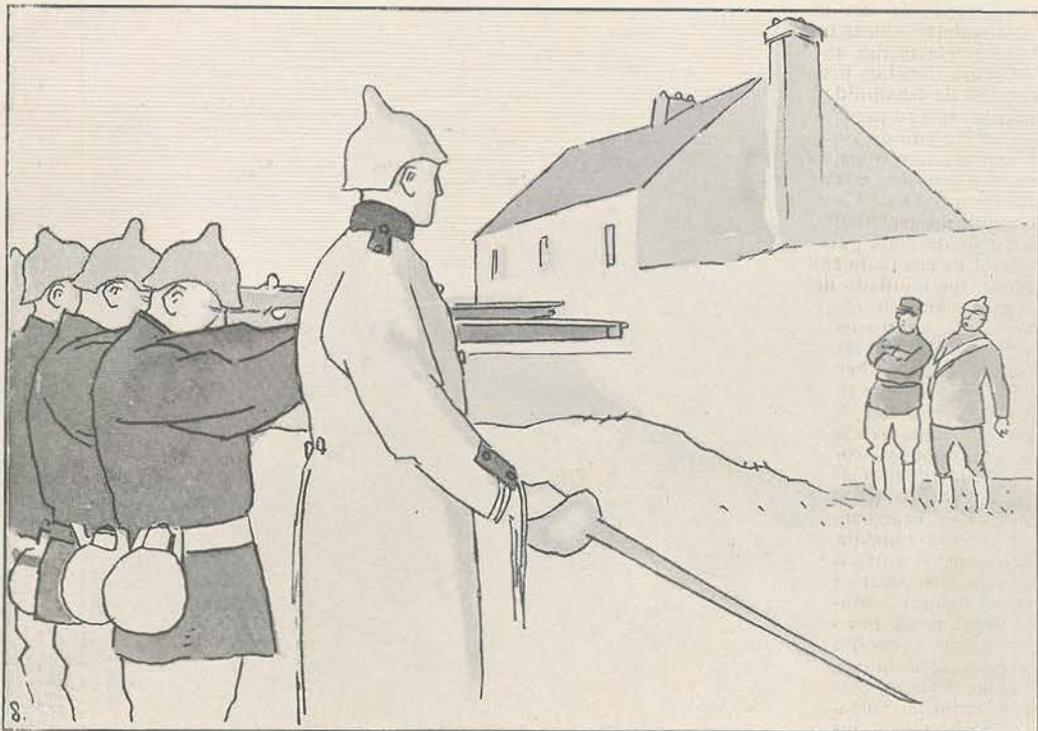
Leopoldo envolveu o irmão n'um olhar tão cheio de timidez e carinho como quando, em pequenininho, o segurava nos bracitos.

— Meus rapazes, a consciencia é a diretriz de todo o homem de bem. Atendei-a onde quer que estiverdes. O resto não é comvosco. Deus julgará.

Após um renhido combate de infantaria em que os francezes tinham sido esmagados pelo numero, sofrendo um morticínio total, foram aprisionados um alferes e alguns soldados que ainda se obstinavam com as armas na mão e que os alemães, iniciado o processo das crueldades inuteis, resolveram passar sumariamente pelas armas diante do regimento.

O alferes Hofman, como mais novo, foi incumbido de dirigir o fogo.

Hofman, dirigindo-se ao comandante, pediu que o exonerassem do desonroso encargo.



—Confia a vida do teu Benjamin á minha guarda, mãe. Eu s'berei defende-lo ou morrer com ele — jurou Leopoldo com voz firme.

Se bem que n'os seus labios aqu'le nome não fosse uma censura á predileção de sua mãe, esta sentiu um rebate de consciencia, repesa da sua injustiça, e abraçou de novo Leopoldo profundamente comovido.

—Quebraremos as nossas espadas, se nos defrontarmos, ou morreremos juntos — confirmou Alfredo vivamente, mas não com menos sinceridade que o irmão.

O major compreendendo tambem a gravidade da situação em que os dois rapazes se iam encontrar, intimamente se acusava de os ter impellido para a mesma carreira, mas aparentando firmeza abraçou-os dizendo-lhes:

— Teremos traidores no nosso regimento?! Cumpra.

— Recuso obedecer.
Será fuzilado.

Hofman fez respeitosa e avançou com passo firme para junto dos francezes, indo colocar-se ao lado de Alfredo Robert.

Imediatamente troou a descarga. Os dois irmãos de mão dada caíram juntos, proferindo a palavra «mãe».

E as duas almas subiram unidas, como unidas tinham sido na terra, para as regiões etéreas onde os irmãos tem todos a mesma nacionalidade, a mesma igualdade, se eguaes tiverem sido nos logares de provação em amor e em virtude.

A. C.

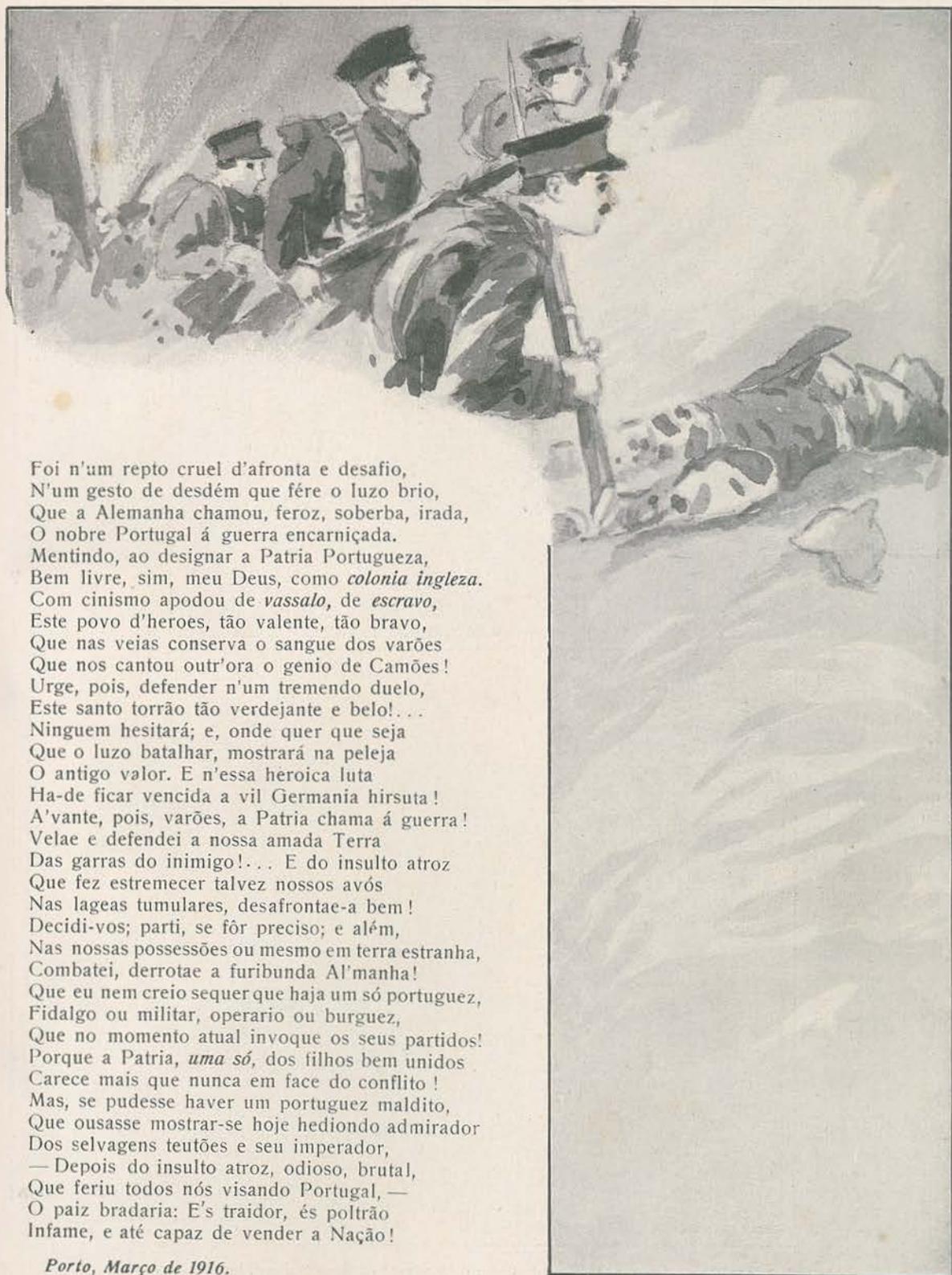


CONFERENCIA PARLAMENTAR INTERNACIONAL

Cada vez se reconhece ter sido do maior alcance economico, pelas suas conclusões tomadas todas por unanimidade, a conferencia reunida em Paris com delegações de todos os parlamentos dos paizes aliados. Portugal teve

n'essa conferencia uma representação brilhante, sendo presidente da delegação portugueza o illustre parlamentar sr. dr. Antonio Macieira (+) que, como todos os seus colegas, foi alvo das mais carinhosas manifestações.

AVANTE!



Foi n'um repto cruel d'afronta e desafio,
N'um gesto de desdém que fêre o luzo brio,
Que a Alemanha chamou, feroz, soberba, irada,
O nobre Portugal á guerra encarniçada.
Mentindo, ao designar a Patria Portugueza,
Bem livre, sim, meu Deus, como *colonia ingleza*.
Com cinismo apodou de *vassalo*, de *escravo*,
Este povo d'heroes, tão valente, tão bravo,
Que nas veias conserva o sangue dos varões
Que nos cantou outr'ora o genio de Camões!
Urge, pois, defender n'um tremendo duelo,
Este santo torrão tão verdejante e belo!...
Ninguem hesitará; e, onde quer que seja
Que o luzo batalhar, mostrará na peleja
O antigo valor. E n'essa heroica luta
Ha-de ficar vencida a vil Germania hirsuta!
A'vante, pois, varões, a Patria chama á guerra!
Velae e defendei a nossa amada Terra
Das garras do inimigo!... E do insulto atroz
Que fez estremecer talvez nossos avós
Nas lageas tumultares, desafrontae-a bem!
Decidi-vos; parti, se fôr preciso; e além,
Nas nossas possessões ou mesmo em terra estranha,
Combatei, derrotae a furibunda Al'manha!
Que eu nem creio sequer que haja um só portuguez,
Fidalgo ou militar, operario ou burguez,
Que no momento atual invoque os seus partidos!
Porque a Patria, *uma só*, dos filhos bem unidos
Carece mais que nunca em face do conflito!
Mas, se pudesse haver um portuguez maldito,
Que ousasse mostrar-se hoje hediondo admirador
Dos selvagens teutões e seu imperador,
— Depois do insulto atroz, odioso, brutal,
Que feriu todos nós visando Portugal, —
O paiz bradaria: E's traidor, és poltrão
Infame, e até capaz de vender a Nação!

Porto, Março de 1916.

Esmeralda de Santiago.

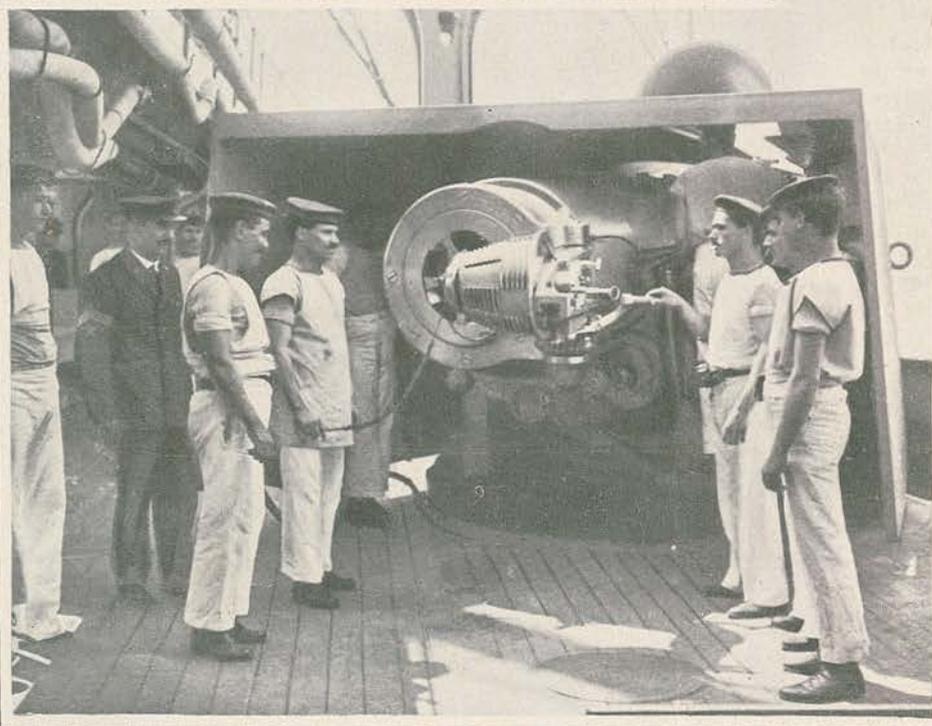
PORTUGAL NA GUERRA



ce mos a essa pavorosa depressão moral, em que não ha consis tenciano menor movimento de caracter patriótico que se esboce para honrar essas tradições e sustentar os nossos direitos. Não; o exercito de Portugal man tem-se firme e decidido, e man ter-se-ha. Quem primeiro tem a certeza intuitiva d'essa nobre atitude é o

Bem se es forçam ainda alguns elemen tos perigosos, que o governo com sabias medidas vae me ter na ordem, para fazer esfriar o entu siasmo e pron tidão com que o exercito por tuguez, desde a declaração da guerra, acolheu a idéa de de fender a pátria onde quer que os altos inter esses d'esta o reclamassem.

Enganam-se aqueles que julgam apaga das ou esmo recidas as nos sas belas tradi ções militares, que tantas vezes tem sido invo



1. O capitão de fragata sr. Leote do Rego, comandante da divisão naval, tendo a seu lado o imediato sr. Pereira da Silva, assiste aos exercicios da marinagem.
2. Guarnição de uma peça em posição de combate — (Clíchê Benoliel).

cadadas como modelo por outros povos e por nós pro prios nas horas de desalento. Felizmente não des

paiz, que não sente o menor abalo, nem com atoardas, co



mo as que se fizeram correr á cerca de Mafra, nem com ameaças anónimas que apparecem cobardemente metidas por

baixo das portas. Não ha nada que demova o soldado portuguez de partir para onde o chama a defeza do seu paiz. E longe d'aqui, bate-se como se estivesse defendendo a casa onde se abrigam seus velhos paes ou os seus amores. Veja-se o nobre exemplo das nossas forças expedicionarias na Africa Oriental. Tomaram Kionga,



1. Apresentação de licenciadros na companhia de saude.—2. Um licençado ouvindo os conselhos de seu pae.
3. Os licenciadros, acompanhados de suas famílias, apresentando-se nos quartels.

(Clichés Benoitel).



de que os alemães se haviam ha anos a proderado contra os nossos melhores e mais irrefragaveis direitos, e agora que o inimigo, poderosamente reforçado, tentava



um novo golpe contra o territorio perdido, os portugueses obrigaramos a retirar depois de lhe infligir uma valente derrota.

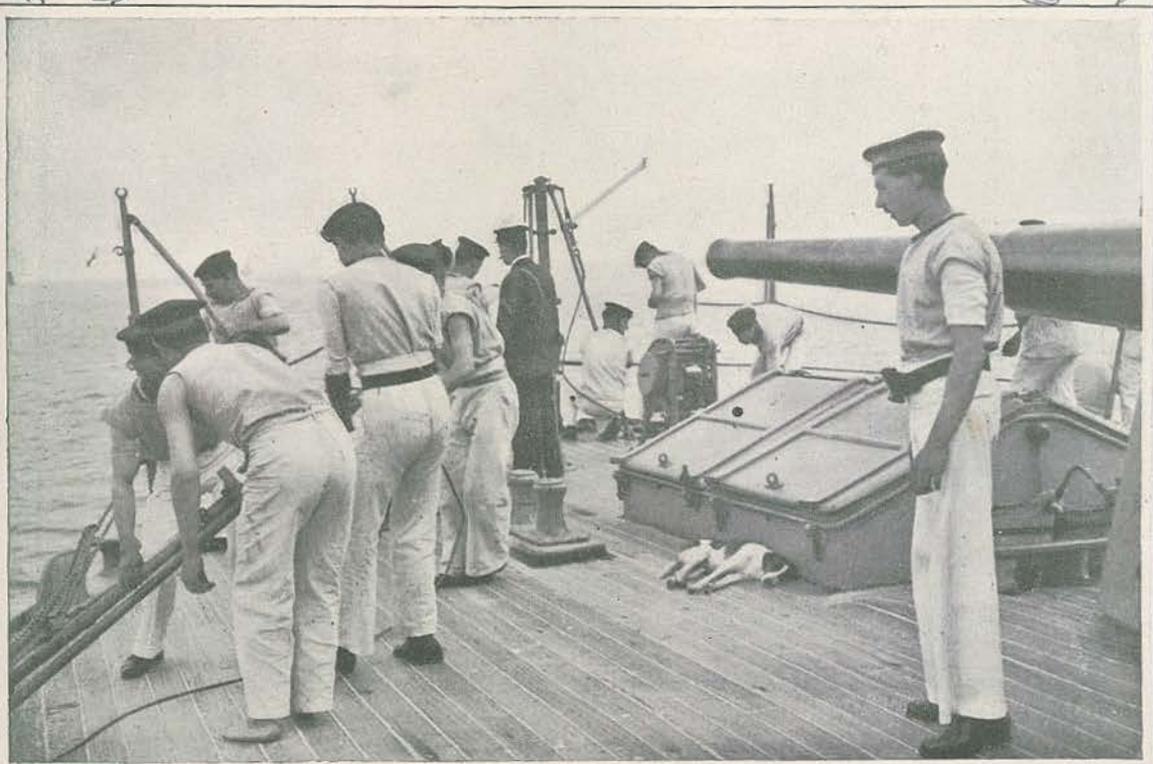


Diversos aspetos do regimento de infantaria 23, que, depois de ter feito o tirocinio em Mafra, vem a caminho da estação d'aquella vila para tomar o comboio para Lisboa.

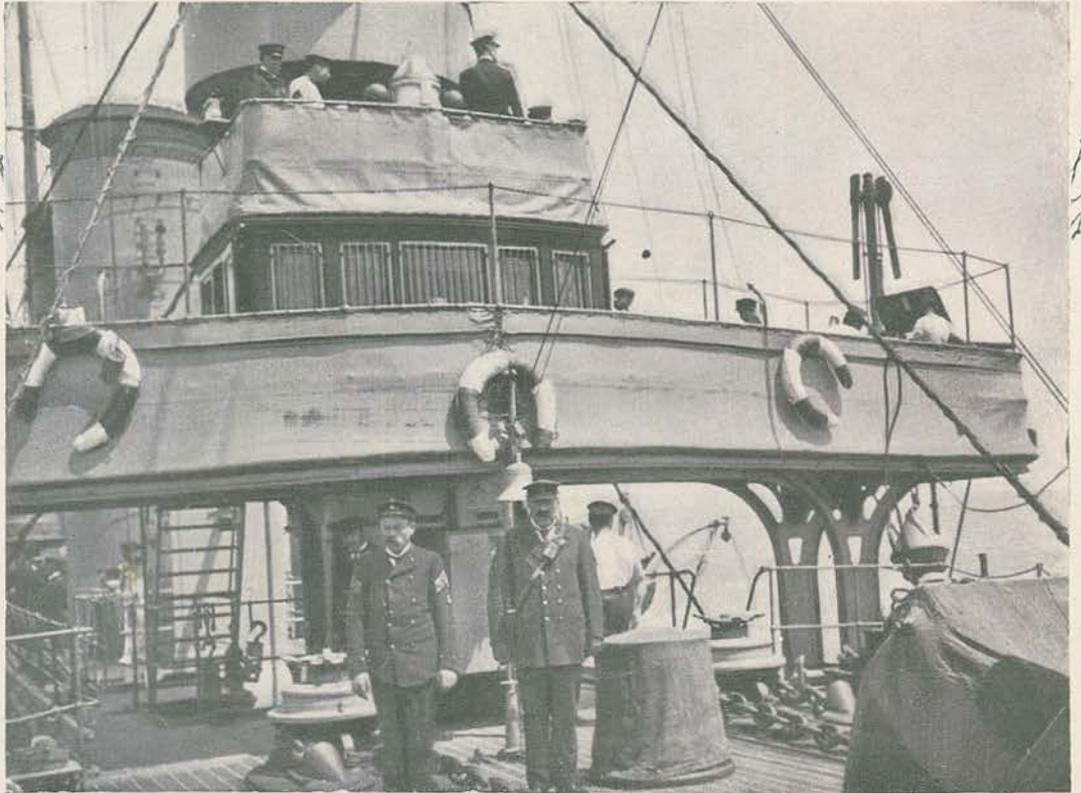
(Clichés Benollel).



Lendo os editaes afixados, chamando os licenciados para a mobilisação do exercito.

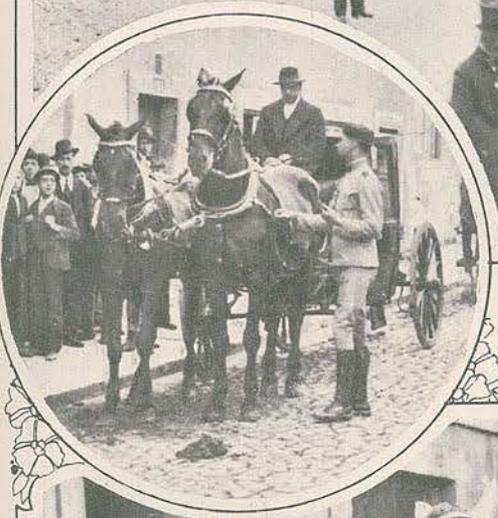


A bordo do Vasco da Gama: —Tirando os balaustres do convez para exercicios de combate (Clichés Benollel).



A bordo do Vasco da Gama: — 1. Fazendo pontaria com uma metralhadora. — 2. A ponte do comando.

(Clichés Benoliel).



Inspecção de vehiculos e gados para o efeito da mobilisação:—1 Automovéis, trens, carroças, cavalos e muares pertencentes a freguezia das Mercês, estacionados na rua do Arco de Jesus.—2. Examinando uma parelha.



Um cabo ferrador examinando a dentadura a um cavalo

(Clichés Benollel).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continuam a desembarcar tropas russas em Marselha com destino á frente ocidental da grande luta. Não se descreve o entusiasmo e a comoção com que os francezes acolhem a chegada d'essas parcelas valiosas dos exercitos do Czar que ardem por combater ao lado d'eles e com eles entrar na raia alemã defronte de Metz, cuja população civil, segundo os ultimos telegramas, já teve ordem de evacuar a cidade.

A estes sentimentos de simpatia reciproca entre os francezes e os seus valentes aliados juntam-se os de uma admiração geral por esse grande paiz que entrou na guerra de uma fórma tão desinteressada e altiva e desde então revela-se cada vez mais leal



O rei dos belgas nas trincheiras de Steens-
traete

no combate e empenhado em sacrificar-se pelos principios da liberdade e pelo bem comum.

A Alemanha mostra-se seriamente preocupada com os successivos desembarques de contingentes russos em Marselha. Se as 'bricas e os arsenaes russos poderiam não satisfazer amplamente, desde já, com armas e mais material aos milhões de bravos de que o poderoso imperio dispõe para a luta, os seus contingentes veem encontrar na França, e abundantemente, tudo o que lhes é necessario para pôrem em evidencia a sua força herculea de homens, a sua destreza e disciplina de soldados.

Este gesto cavallheiroso da nobre



Deante de Douaumont.—Um general francez e dois comandantes agregados observando o tiro da sua artilharia (Desenho de Lucien Jonas).



Kut-el-Amara: —Carregamento de uma barcaça nas margens do rio Tigre

Russia para com os seus aliados, no ocidente, é completado por outro não menos admiravel no oriente. Como se sabe, as tropas anglo-indianas, do comando do brioso general Townshend, tiveram de

feitos d'armas tem praticado no Caucaso, avançassem para o Tigre. E esse avanço tem-se feito com tal rapidez atravez a planicie compreendida entre o rio e o Tauro armenio, que é muito pos-



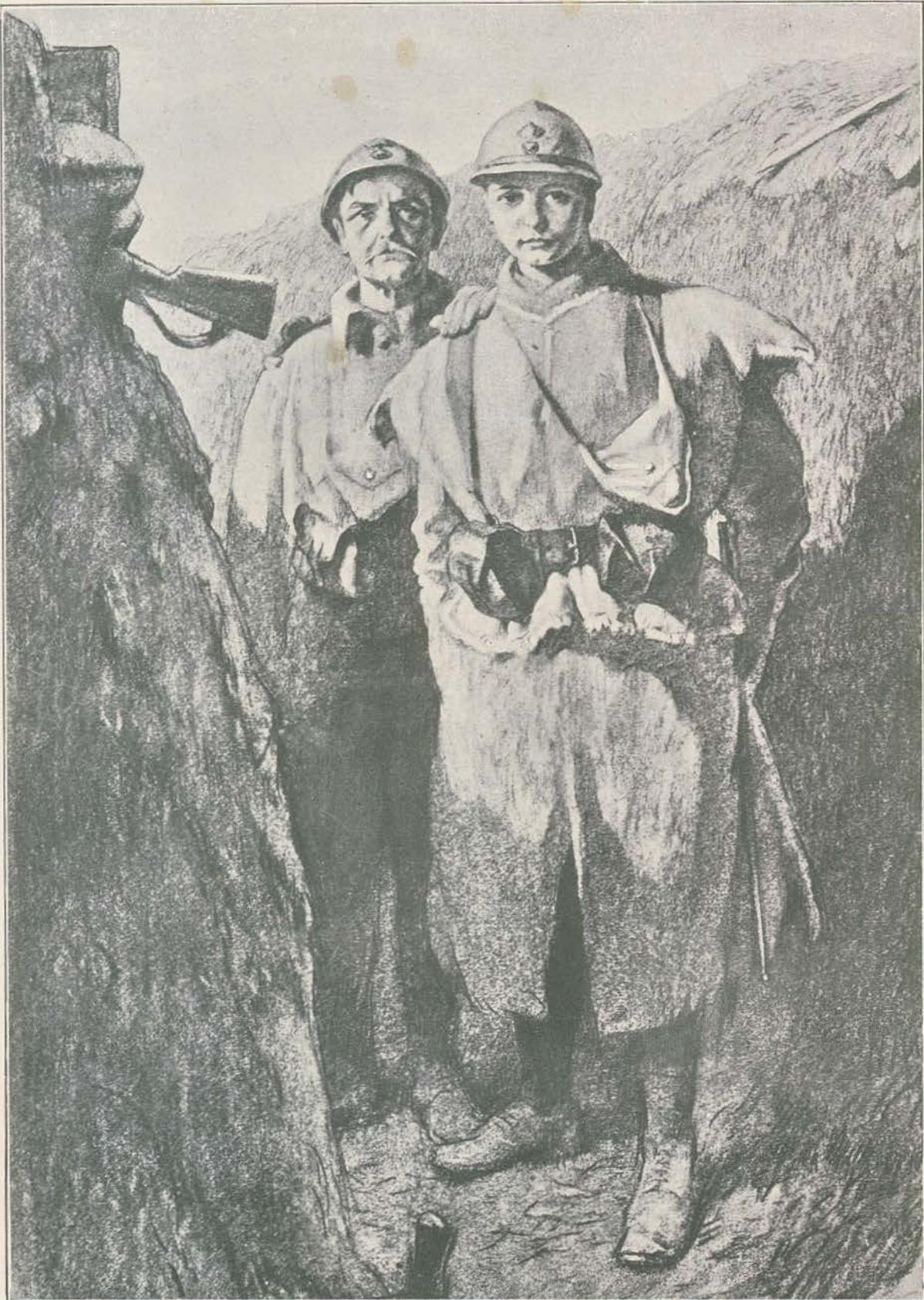
O porto de Trebizonda, que foi tomado pelos russos

capitular pelas circunstancias dificeis em que se viram isoladas nos pantanos da Mesopotamia, abandonando Kut-El-Amara na margem esquerda do Tigre, ao fundo d'aquela paiz. Pois, apenas o alto comando militar russo soube da capitulação, resolveu que as suas tropas, que tão brilhantes

sivel que, a estas horas, já se tenham encontrado as avançadas russas com as turcas.

Graças á cooperação valiosissima da Russia, que tão admiravelmente se está repartindo por todo o campo vastissimo da luta, esta apresenta hoje uma das suas fases mais animadoras para os aliados.

AO SERVIÇO DA FRANÇA



Pae e filho nas trincheiras francezas, encarnando o mais salutar exemplo de como se defende a patria

(The Illustrated London News).

A FEROCIDADE DOS BULGAROS



Soldados servios que vão enterrar os cadaveres de camaradas seus ferozmente torturados e queimados pelos bulgaros

Os bulgaros estão usando para com os gregos de todas as atrocidades que tem usado para com os servios e para com outros desgraçados que lhes caem sobre as garras. Nos jornaes de Atenas er-

guem-se clamores desesperados contra as crueldades d'esses dignos aliados da Alemanha cuja ultima proeza foi capturarem e fusilarem sem mais demora 50 notaveis gregos.



Outro aspeto horrivel das atrocidades dos bulgaros para com os servios

(Clichés Y. Runtz).



A capela do antigo collegio de S. José, em Saint Omer, convertido em hospital.—(Desenho de J. Simont).²

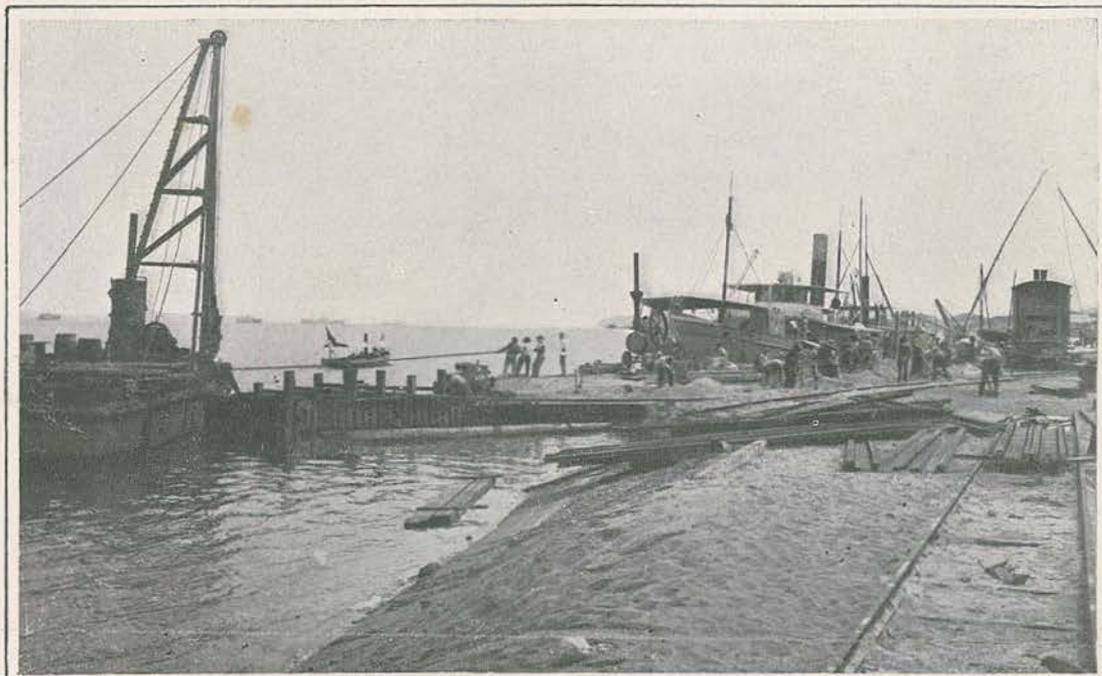
Fortaleza do Penedo



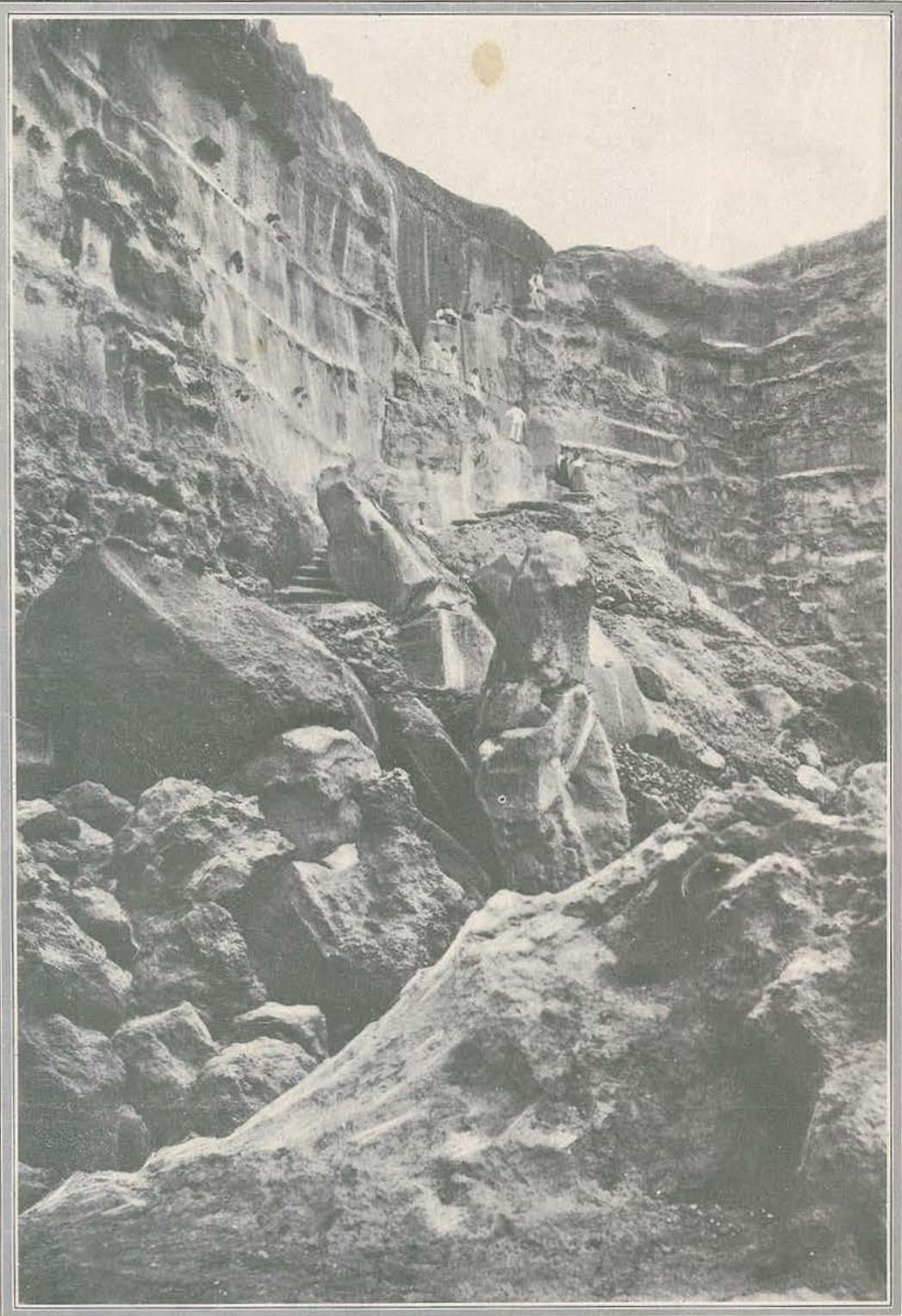
E' notavel a montanha em que assenta a fortaleza do Penedo, que serve de reclusão aos degredados e outros presos. Situada a uma grande altura, goza de um bom ar e de todas as condições higienicas, o contrario do que se nota na maior parte dos presidios africanos.



Loanda.—1. Morro da Cruz, hoje propriedade do sr. Antonio Neves.—2. A fortaleza do Penedo e casa de reclusão



Obras do caes de cabotagem no porto de Loanda, vendo-se atracados alguns vapores da Companhia do Cazengo em serviço de descarga.

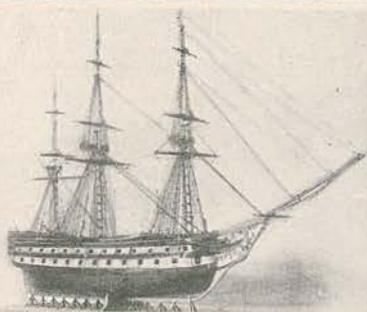


Loanda.—Escadaria feita no escarpado que da fortaleza do Penedo permite a descida á praia.

(Clichés do distinto fotografo amador sr. Artur da Rocha).

O INCENDIO NA ESCOLA NAVAL

A preciosa coleção dos modelos de navios da antiga armada portuguesa



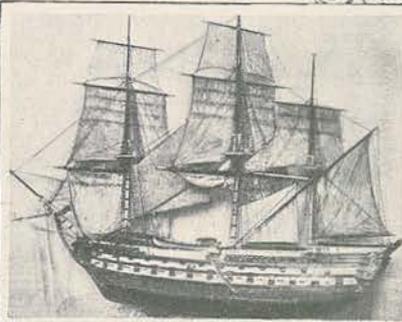
A nau D. Maria I

respeito á nossa preparação marítima de guerra, foi o ponto escolhido pelo inimigo para o seu segundo atentado, visto que não devem restar dúvidas sobre a natureza dos dois pavorosos incendios que, um apoz outro, destruíram o Deposito de Fardamentos e a bellissima Sala do Risco da Escola Naval.

A Escola Naval é a antiga Academia de Marinha creada em 1779. O corpo de alunos da armada represen-

A Escola Naval, a que a marinha portugueza deve já assinalados serviços, e pela qual agora correm os assuntos que dizem

e mais vasta documentação dos seus feitos incontestaveis. O certo é, porém, que entre os modelos ali guardados não havia



A nau Nossa Senhora do Bom Sucesso

um só anterior a fins do seculo XVII. Nada nos recordava os aureos tempos de D. Manuel e D. João, em que Portugal ganhou no mar os seus mais honrosos pergaminhos. Ainda assim, a coleção existente era altamente apreciada, valendo alguns dos modelos mais de mil escudos.

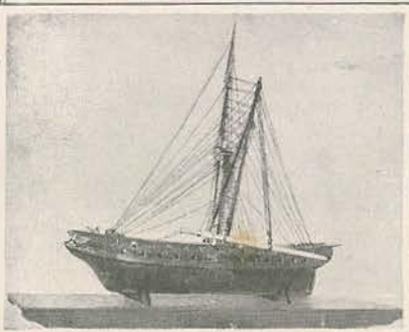
Tendo desaparecido o Museu de Marinha e com ele essas veneraveis reliquias, e sendo raros os exemplares que restam do livro do almiran-



A nau Nossa Senhora do Bom Sucesso, vista pela amura de estibordo

ta, pois, a extinta companhia de guarda-marinhas dos reinados de D. Maria I e D. João que, tendo

te sr. João Braz d'Oliveira, que traz a reprodução fotografica dos principaes modelos, va-



A nau cabrea S. Sebastião

sido transferida para o Rio de Janeiro, de lá voltou a Lisboa com a Restauração. A formosissima Sala do Risco, de decoração característica, e em cujo pavimento, com 80 metros por 18, se riscaram os planos dos navios de guerra portuguezes, fôra ultimamente organizada em Museu de Marinha, vendo-se ali, além de muitas outras preciosidades, a famosa coleção de modelos das antigas naus que atestavam as nossas gloriosas descobertas e conquistas d'além-mar. Tudo isso se perdeu. Todas essas belezas, todas essas velhas reliquias o fogo consumiu.

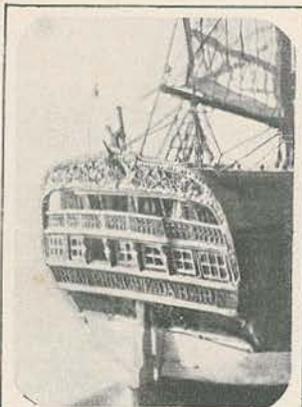
O Museu de Marinha não era o que poderia ser. Uma nação de um passado historico essencialmente marítimo devia possuir melhor



A nau Real Príncipe da Beira

mos arquivar essas fotografias, acompanhadas de umas pequenas notas descritivas, conscios de que prestamos um útil serviço aos leitores da «Ilustração Portuguesa»:

A nau «Nossa Senhora do Bom Sucesso» foi construida no arsenal da Bahia em 1764 e fez parte da esquadra combinada hespanhola, napolitana, malteza e portugueza, contra Argel, do comando do tenente general D. Antonio Barceló. Saiu do Tejo em 19 de junho de 1784, comandada pelo capitão de mar e guerra José de Melo. Em 20 de setembro de 1793 fez parte da esquadra que conduziu ao porto de Roses a divisão auxiliar a Hespanha que cooperou na campanha do Rossilhon. Em 1799



Panel da pópa da nau Real Príncipe da Beira

foi reconstruída com o nome «D. João de Castro» e fez parte da esquadra que em novembro de 1807 levou a família real para o Brasil. Em 1820 ainda estava fundeada no Rio de Janeiro. Tinha 182 pés de quilha, 44 de bôca e 34,6 de pontal.

— A nau «D. Maria I» foi lançada ao mar em Lisboa a 18 de dezembro de 1789 e fez parte da esquadra do marquez de Niza que cooperou com a de Nelson no Mediterraneo contra os francezes e berberescos. A 6 de março de 1795 regressou de Inglaterra fazendo parte da esquadra do comando de Antonio Januario do Vale. Vinha desarvorada, encalhando ao entrar a barra mas safando-se no dia seguinte. Ficou em Lisboa em 1807, quando a família real foi para o Brasil. Foi a Cadiz em socorro de Fernando VII contra os populares e ali foi a pique com um temporal, tendo no porão perto de cem peças de artilharia, em bronze, que a regencia do reino ali metera em 1810 quando Massena chegou ás linhas de Torres Vedras ameaçando a capital.

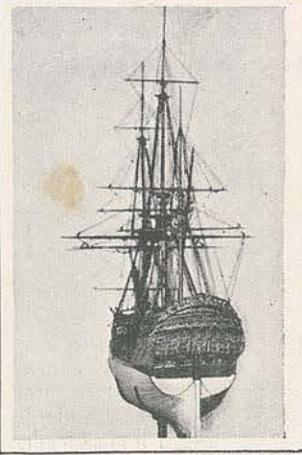
Tinha 177 pés de quilha, 47 de bôca e 37,6 de pontal, possuindo 74 peças.

— A nau cabrea «S. Sebastião» de 64 peças, foi presente da cidade do Rio de Janeiro a D. José I, em 1766.

Em 20 de setembro de 1793 saiu para Roses com a esquadra que levou a divisão militar para Hespanha, composta de 6:000 homens que se bateram no Rossillon. Em 27 de setembro de 1797 saiu de Lisboa para cruzeiro. Fez parte da esquadra do marquez de Niza. Em 1808 os francezes chama-



A nau *S. Francisco*, vista pela amura de estibordo



Panel da pôpa da nau *Real Príncipe da Beira*

ram-lhe «Brazil» e vulgarmente «Le Grand Dragon» por causa da figura da prôa. Foi a Cadiz, Leorne, e em 1817 ao Rio de Janeiro levar o celebre hiate real «Monte de Ouro». Foi desmanchada em 1818 junto ao reduto da inspeção do arsenal da marinha, aproveitando-se alguma madeira, em 1857, para a construção da escuna a vapor «Barão de Lazarin».

— A nau «Real Príncipe da Beira», construída em fins do século XVIII, tinha 37 peças por banda e dois guarda-lemes. Demandava 22 pés á ré, carregada.

A figura da prôa representava um official da marinha do tempo.

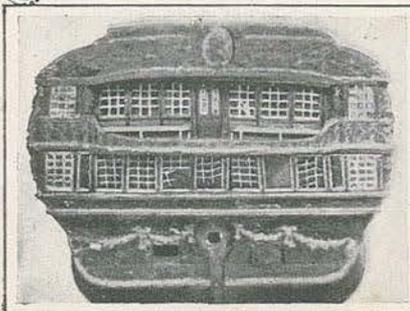
— A nau «S. Francisco» foi construída na mesma epoca e pertenceu á marinha de Gôa, fazendo varias derrotas á India com carregamentos valiosos. Este modelo foi comprado em 1887 pelo contra-almirante Antonio do Nascimento Pereira de Sampaio para o Museu e restaurado sob a direção do 2.º tenente graduado Luiz Batista Gonçalves em navio de grande tonelagem.

— A nau «Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio», ou «Conceição Agra Feliz», feita em Lisboa no tempo do marquez de Pombal, fez varias viagens á India sendo aprisionada pelo corsario francez «Surcouf», na costa do Natal, e conduzida á ilha de França, onde desarmou.

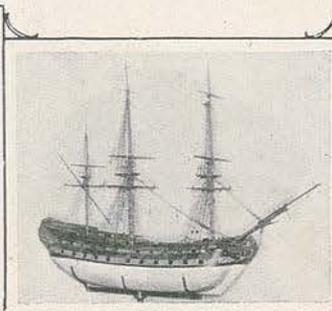
— A nau «Príncipe da Beira», do século XVIII, saiu de Lisboa em 21 de março de 1780, comandada por Mateus Pereira, carregada para a India Oriental, com escala pela Bahia. Diz-se que foi á China e que o seu cmandante era muito te-



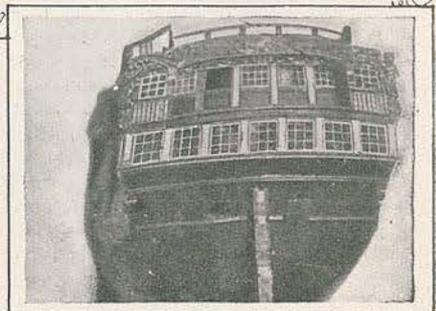
A nau *Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio*



Construção portugueza do arsenal da Bahia (1800). Panel da pôpa de uma nau



A nau *Príncipe da Beira*



Construção portugueza do fim do século XVIII. Panel da pôpa de uma nau

mido pelos piratas, que lhe chamavam o Tigre.

— A nau construída no arsenal da Bahia em 1800, por portugueses, foi oferecida ao príncipe D. João. Este modelo tinha sido salvo da ruína pelo capitão de mar e guerra Antonio Fernandes da Cunha, em 1894, quando diretor da Escola.

— A nau de construção portuguesa, fins do século XVIII, representa o tipo das naus d'aquella época, notável pela minuciosidade dos detalhes e perfeito acabamento.

— A fragata de vela dos fins do século XVIII, princípios do século XIX, era ainda dos antigos navios de póço e notável pela maneira rigorosa como estava aparelhado.

— O modelo de fragata do século XVIII serviu a D. José I para o estudo de construção naval e divisão interna do navio. Era um magnífico exemplar pela minuciosidade dos detalhes e além d'isso notável por demonstrar que já n'essa época era vulgar n'a construção naval portuguesa o emprego das balizas reviradas.

— O modelo de fragata de vela dos meados do século XIX serviu por muitos anos para ensino da cadeira de manobra e teoria de navio. Foi restaurado em 1860 ou 1870, modificado no pavimento da tolda e tirada a artilharia.

— O modelo de lancha bombardeira era das que em julho de 1784 bombardearam a cidade e as fortificações de Argel com a esquadra portuguesa, hespanhola, napolitana e malteza composta de 127 navios.

— O modelo do corsário

argelino ou «escapadia de mouros», parece que arribou a Lisboa no tempo de D. Maria I.

Era o chaveco, tipo de navio mourisco, apesar de ser usado também pelas marinhas cristãs do Mediterraneo. Foi preciso equipar grandes esquadras e manter longos cruzeiros para proibir a saída d'estes corsarios do Estreito para o Oceano.

Com a tomada de Argel findaram as suas aventuras.

— O brigue «Vouga» foi construído de madeira de pinho no arsenal de Lisboa e lançado ao mar em 1840. Tinha 298 toneladas, 85,8 pés de comprimento, 26,2 de bôca e 16 de pontal.

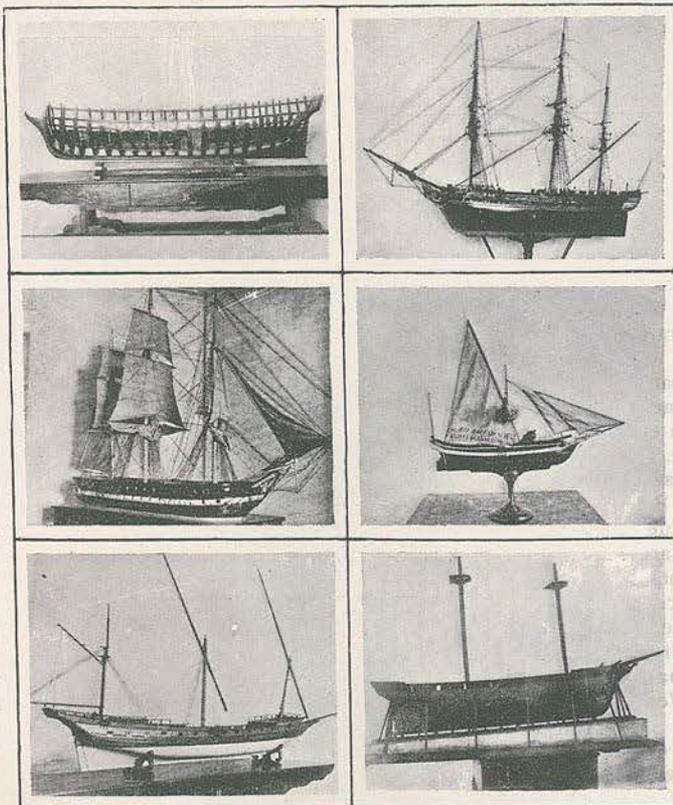
Fez parte da esquadra composta da fragata «D. Maria II», corveta «Oito de Julho» e brigues «Douro» e «Serra do Pilar», a qual bloqueou a barra do Porto e costa norte durante a revolução de 1846 e 1847. Desmanchou no arsenal em 1865.

— Um modelo raro era o de uma muleta, antigo barco de pesca na barra de Lisboa, construída em 1886 por Joaquim Batista, car-

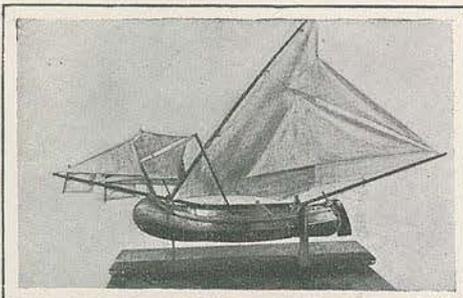
pinteiro do arsenal sob risco de Joaquim José Salgueiro.

Eis os principaes modelos que figuravam no Museu de Marinha e que o fogo reduziu a cinzas, modelos que eram venerandas recordações de um passado cheio de heroismo, de fé, de valentia, e que mostravam ao mundo que Portugal, este minúsculo paiz agora em luta pela liberdade ao lado dos paizes mais progressivos, foi o percursor da civilização, descobrindo novas terras e novos mares.

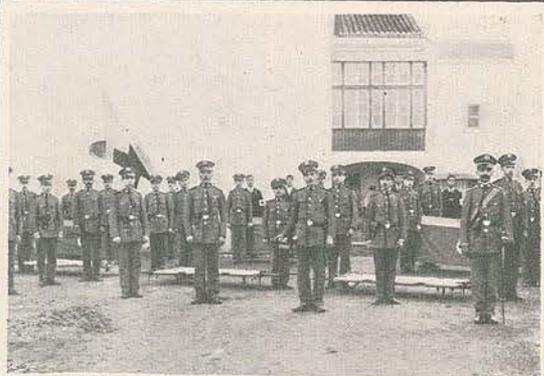
Napoleão Gonçalves.



1. Fragata do século XVIII. (Modelo oferecido a el-rei D. José I).
2. Uma fragata de vela.—3. Fragata de vela. (modelo para o estudo do aparelho do navio).—4. Lancha bombardeira.—5. Chaveco argelino
6. Brigue Vouga



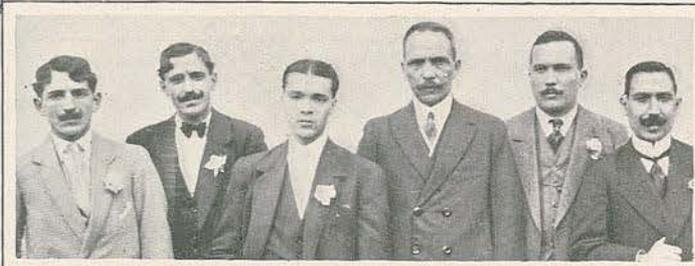
Muleta (barco de pesca da barra de Lisboa).



Estremoz.—O pessoal da delegação da Cruz Vermelha

Outro aspecto do pessoal da Cruz Vermelha

Homenagem ao sr. dr. Antonio José d'Almeida. — Para celebrar as melhoras do sr. dr. Antonio José d'Almeida, chefe do partido evolucionista, uma comissão composta de admiradores do ilustre estadista promoveu um



A comissão, que se compunha dos srs. I. da Fonseca, P. S. Vitoria, A. S. da Cruz, J. E. L. Coelho, G. C. Carneiro, A. A. Batista e R. dos Santos Cardoso.

jantar em Cabo Ruivo que esteve muitissimo concorrido, no qual se proferiram discursos enaltecendo o caracter do homenageado, que foi representado pelo sr. dr. João da Rocha.



4. A comissão que angariou donativos para a medalha oferecida ao sargento reformado sr. Antonio Maria Caldas, em Abrantes, no dia 16 de abril: srs. Manuel Augusto da Silva Mendo, João Gomes Tojal, João Herraul Rico e Adelino dos Santos.—5. O sargento reformado sr. Antonio Maria Caldas a quem foi oferecida uma medalha de ouro e que conta 50 anos de bom comportamento militar, tendo á sua esquerda o coronel de artilharia 8, sr. Abel Hippólito, que lhe colocou no peito a medalha.



Os convivas no banquete em homenagem ao sr. dr. Antonio José d'Almeida, realisado em Cabo Ruivo



M.ª Georgette Pinto, secretaria da Associação Escolar do Liceu Maria Pia, que na festa de 30 de abril leu uma alocução cheia de amor patrio e de relevo literário, sendo muito aplaudida. M.ª Georgette é vivamente estimada no liceu, tanto pelos seus professores como pelas suas condiscipulas, porque além de ser uma excelente estudante, dedica-se com verdadeiro amor à sua associação.



M.ª Alda Irenª Duarte d'Almeida, discipula do professor sr. Lobo de Campos, que na festa da Associação Escolar do Liceu Maria Pia, realizada em S. Carlos em 30 de abril, recitou com raro talento e notável intuição artística, os soberbos versos *A Belgica*, do eminente poeta sr. dr. Lopes Vieira, que produziram em toda a assistência uma emoção extraordinária.



3. UMA FESTA NO PEDROUÇOS CLUB.—O gentil grupo que cantou os deliciosos números «Ao pôr do Sol», «Vozes da serra», «O teu olhar» e «De-folhando mamequeiras», canções populares com musica do distinto maestro Mario Dias e letra do professor sr. João de Carvalho. 1.º plano: mesdemoiselles Alice Rego, Maria Luiza Aboim Inglês, Cecília Furstensau, M. Leonor Ferreira da Silva e M. Luiza Rego; 2.º plano: mesdemoiselles Raquel Leal de Carvalho, Luiza Marques Cunha, Isaura Pinha, Maria Nobre, Helena Nunes, Irene Rodrigues e Maria Olívia Gavião.



5. O riverendo José Dias Ferreira Lima, falecido na Certã—6. O capitão sr. José Farinha das Neves, falecido em Oitros—7. A sr.ª D. Emília Correia Gomes, falecida em Leiria—8. O sr. dr. Antonio de Jesus Barbosa Corado, falecido em Penamacôr—9. O tenente sr. Horacio de Amorim, falecido em Braga



Grupo de gentis meninas, senhoras e rapazes da elite eborense que tomou parte na recita realizada no teatro Garcia de Rezende, a favor da «Coshina Economica do Dinheiro dos Pobres», promovida pela caritativa sr.ª D. Maria Sergio de Torres Vaz Freire. Da esquerda para a direita: D. Maria Luiza Fiuza Cabral, D. Maria da Gloria Freixo, sr. Alberto Basto, D. Ester Basto, D. Eugénia de Sousa e Melo, D. Julia Azeu, D. Maxima C. Rodrigues, sr. Jacinto de Torres Vaz Freire, D. Maria Forlinho, sr. Domingos Pires, D. Maria Cândida Parreira, sr. Estevão Barata, D. Maria do Carmo Vaz Coelho, D. Maria José Andrade, D. Margarida Pinto, Dr. Caldeira Coelho, D. Branca Fortinho, sr. Antonio Simões Paquete, D. Maria Vilardebo, D. Clara Vilas Boas, sr. João B. Torres, D. Dulce de Barahona, sr. José Sebastião de Torres Vaz Freire, D. Maria Luiza Basto, sr. Campos Rodrigues, sr. Leovegildo de Sousa, sr. Amandio Barata, D. Maria José de S. Carvalho, sr. Mario Freixo, sr. Luiz Fortinho e sr. Raul Fiuza Cabral



O sr. Camilo Guedes Castelo, jornalista e poeta distintíssimo, um dos delegados, na Regua, da Junta Patriótica do Norte

Conferencias patrioticas.—Tambem na Regua se realisou uma conferencia promovida pela Junta Patriótica do Norte, que tão excellentes serviços tem prestado á educação popular. O povo aplaudiu as palavras do conferente.



Na Regua.—O salão onde se efetuou uma conferencia patriótica que esteve muito concorrida.—(Clichés do sr. Antonio Teixeira).

A Festa da Arvore na ilha das Flôres

Na vila de Santa Cruz, da ilha das Flôres, realisou-se tambem a festa nacional de culto á Arvore, da iniciativa do *Seculo Agricola*. Encorporem-se no cortejo cerca de 300 crianças das escolas officaes, precedidas pelas duas filarmônicas locais.

A plantação das arvores, obsequiosamente enviadas de Lisboa pelo senador dr. José Machado de Serpa, foi feita na rua de Santa Catarina, notando-se o indescrivel entusiasmo das escolas e do publico. Durante o tempo em que durou a cerimonia, ouviram-se os hinos *Nacional*, *Maria da Fonte*, *Hino da Arvore* e *Pacifista*, pelas filarmônicas, e o estalar de repetidas girandolas de foguetes. N'essa occasião



A chegada do cortejo ao lugar da plantação

A plantação de uma arvore pela menina Fernandina Paes. Ao lado o professor sr. João Gilberto Dias e a professora sr.^a D. Ana Ismenia Lopes

discursou o professor regente da escola masculina sr. João Felisberto Dias Junior, sobre a necessidade de instruir e educar, demonstrando que só a instrução dignifica o caracter civico dos povos, quando tem por base, por auxiliar primordial, a educação, e mostrando as vantagens d'esta lição de civismo e amor ás arvores, aos admiraveis seres que tantos beneficios nos prestam e tanta abundancia nos prodigallsam.

A festa decorreu com a maior animação, sendo talvez das melhores que se tem realisado n'esta vila.